

Cidade como plataforma: plataformização, mobilidade e reconfiguração dos territórios urbanos¹

Lucas Taidson de Freitas Severino²

Pedro Silva Marra³

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

Este trabalho investiga como plataformas digitais e territórios urbanos se impactam mutuamente, tendo a Buser como estudo de caso. Parte da compreensão da cidade como plataforma, responsável por regular fluxos de informação, circulação de pessoas e trocas socioculturais. A partir da lógica da plataformização (Van Dijck, 2018), a cidade torna-se elemento ativo na articulação de relações socioterritoriais mediadas por dados, tecnologias e práticas culturais. A problemática se ancora nos tensionamentos entre a promessa de democratização das plataformas e as dinâmicas de controle promovidas por oligopólios digitais, que moldam fluxos e acessos no território urbano. A metodologia combina Teoria Ator-Rede e etnografia com procedimentos como observação participante, grupo focal e construção de narrativas. A fundamentação teórica articula plataformização (Van Dijck, 2018; D'Andrea, 2020) e a noção de passagens pós-urbanas (Di Felice, 2021), reconhecendo a cidade como um espaço híbrido, permeado por conexões físico-digitais que reconfiguram tanto os territórios quanto as próprias plataformas. Os resultados evidenciam a emergência de novas ecologias urbanas e midiáticas, apontando como cidade e ambiente digital se co-constituem em um processo contínuo de reconfiguração territorial.

Palavras-chave: Buser; cidade; mobilidade; plataformização; territórios.

Os estudos de internet e redes digitais evidenciam como as transformações nos territórios urbanos contemporâneos se aceleram por processos de plataformização que envolvem fluxos de dados, tecnologias e mobilidade entre dispositivos e aplicações em rede, tecendo um ecossistema midiático digital complexo. No entanto, ainda são poucas as pesquisas que analisam como, ao mesmo tempo, a cidade atravessa esses processos e participa ativamente na constituição, modulação e retroalimentação desses fluxos,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Temporalidades pela Universidade Federal de Ouro Preto (ltaidson@gmail.com).

³ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades na mesma universidade e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Temporalidades da Universidade Federal de Ouro Preto (pedromara@gmail.com).

afetando também o funcionamento das próprias plataformas digitais. Este trabalho, derivado de pesquisa de mestrado, parte da seguinte pergunta: como plataformas digitais, como a Buser, contribuem para a reconfiguração dos territórios urbanos e, ao mesmo tempo, como os próprios contextos urbanos impactam, tensionam e reconfiguram o funcionamento dessas plataformas em um cenário de plataformização?

A abordagem metodológica foi qualitativa, ancorada na Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) e na etnografia (Peirano, 2014; Santos, 2019). Foram utilizados procedimentos como observação participante, análise documental e grupo focal. Essa triangulação metodológica permitiu captar tanto os movimentos materiais e simbólicos nos territórios urbanos quanto os rearranjos internos na própria plataforma a partir das interações com o ambiente urbano.

A fundamentação teórica deste trabalho articula alguns conceitos que dialogam entre si para compreender a relação entre plataformas digitais e territórios urbanos. O conceito de plataformização, desenvolvido por autores como Van Dijck et al. (2018) e D'Andrea (2020), descreve o processo pelo qual diferentes esferas da vida social passam a ser mediadas, organizadas e governadas por plataformas digitais, sob lógicas de extração de dados, algoritmos e monetização. Em diálogo com essa perspectiva, a noção de cosmoplataformização (Borges, 2023) amplia o debate ao considerar os múltiplos níveis de interconexão entre plataformas locais e globais, reconhecendo os territórios como espaços atravessados por fluxos culturais, políticos e tecnológicos que não se limitam às fronteiras físicas. A discussão também incorpora o conceito de tecnodiversidade, proposto por Hui (2020), que problematiza a homogeneização técnica e cultural imposta pelos grandes oligopólios digitais, defendendo a necessidade de reconhecer múltiplas formas de produção tecnológica, especialmente em contextos periféricos. Complementando essa perspectiva, Di Felice (2021) e sua noção de passagens pós-urbanas, interpreta os territórios contemporâneos como ambientes comunicacionais híbridos, onde as distinções entre o físico e o digital se tornam cada vez mais tênues, criando novas formas de habitar e experienciar o urbano. Juntos, esses conceitos oferecem uma lente crítica para analisar como cidade e plataformas digitais se entrelaçam em processos de co-constituição.

Os resultados mostram que a Buser e os territórios urbanos operam como mediadores de novas formas de circulação, uso do espaço e práticas midiáticas durante

as viagens. Foram identificados impactos na infraestrutura urbana, nos fluxos territoriais e nas experiências dos usuários, tais como: aumento do tráfego viário nos pontos de embarque e desembarque, surgimento de novos comércios (como vendedores ambulantes e *food trucks*), pressão sobre a mobilidade local (com crescimento de viagens por aplicativos nos entornos), e transformações nas próprias *affordances* da plataforma, que passou a ajustar funcionalidades e informações em função das dinâmicas territoriais vivenciadas nos territórios urbanos. A pesquisa evidencia que, ao mesmo tempo em que plataformas digitais como a Buser reconfiguram material e simbolicamente as cidades, os próprios contextos urbanos forçam a plataforma a adaptar seus fluxos operacionais, pontos de embarque, comunicação com os usuários e formas de mediação dos serviços.

A análise da Buser evidencia que plataformas digitais não apenas modelam os territórios urbanos, mas também são modeladas por eles. A cidade opera como um agente ativo na configuração das lógicas algorítmicas, nas infraestruturas de serviço e nas *affordances* tecnológicas, criando uma ecologia comunicacional de retroalimentação constante. O urbano e o digital não são espaços isolados, mas territórios híbridos com fronteiras porosas, atravessados por fluxos que operam em múltiplas direções. Este estudo contribui para os estudos em Comunicação ao oferecer um olhar situado e crítico sobre as relações de co-constituição entre mobilidade, plataformas digitais e territorialidades urbanas, trazendo para o centro da análise o papel ativo da cidade na redefinição do próprio funcionamento das plataformas.

Referências

D'ANDREA, C. **Plataformas digitais: mediação, algoritmos e novas configurações comunicacionais**. In: ALZAMORA, G.; ZILLER, J.; D'ANDREA, C. (org.). *Mídia e Dispositivo: uma aproximação à luz de Michel Foucault*. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018.

DI FELICE, M. **Passagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2021.

HUI, Y. **Cosmotécnicas: filosofia, tecnologia e design**. São Paulo: Ubu, 2020.

LATOURETTE, B. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014.

SANTOS, J. A. da S. **Da observação participante à pesquisa de campo: as contribuições de Claude Lévi-Strauss para a ciência antropológica**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 5, n. 3, p. 14-26, 2019.

VAN DIJCK, J. **A cultura da conectividade: uma história crítica das mídias sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2018.